

## JARDIM BOTÂNICO DO RECIFE: ESTUDO SOBRE A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DO USO DA MÍDIA SOCIAL *INSTAGRAM*

Mayara Lopes de Freitas Lima <sup>1</sup>  
Helaine Sivini Ferreira <sup>2</sup>

### RESUMO

A literatura sinaliza que a comunicação científica nas instituições culturais deve privilegiar as abordagens bidirecionais baseadas no diálogo e na participação. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar com a mídia social *Instagram* tem sido utilizada pelo Jardim Botânico do Recife (JBR) no que se refere a divulgação de conteúdos científicos. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada a partir do mapeamento do conteúdo (textual e imagético) das postagens do *Instagram* do JBR abordando conteúdos científicos, realizadas no período novembro de 2016 a maio de 2019. A análise considerou as variáveis de conteúdo visual, de formato, de abordagem comunicacional e de popularidade. Os resultados indicaram que as postagens analisadas privilegiam os conteúdos da área de Botânica, sempre numa perspectiva comunicacional, de caráter informativo. As imagens usualmente estão em close-up ressaltando aspectos morfológicos dos espécimes. Com relação ao engajamento observamos uma média de 180 curtidas por foto (maior número de curtidas 402 e menor número 93), contudo, os comentários relacionados aos conteúdos específicos apresentados são escassos, evidenciando um modelo de divulgação científica unidirecional.

**Palavras-chave:** *Instagram*, Divulgação Científica, Jardim Botânico.

### INTRODUÇÃO

Há uma pressão crescente para que as instituições culturais (museus, jardins, zoológicos) sejam mais centradas no usuário, se distanciando de modelos de comunicação científicas unidirecionais e centrados em artefatos, e se aproximando das abordagens bidirecionais baseadas no diálogo e na participação, valorizando o processo científico e a ciência em formação (ILLINGWORTH ET AL., 2015).

Alguns museus e centros de ciência fizeram mudanças para promover o engajamento do público presencial permitindo que os visitantes acessassem e participassem da organização de coleções de pesquisa e espaços de laboratório. Eles começaram a incorporar atividades científicas participativas de ciência em suas exposições, bem como trabalhos de pesquisa e coleta. Essas atividades são benéficas visto que aumentam o tempo que os visitantes passam

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino das Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências da UFRPE, [maybiologicas@gmail.com](mailto:maybiologicas@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Orientadora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Ensino das Ciências da UFRPE, [hsivini@terra.com.br](mailto:hsivini@terra.com.br).

em museus, ampliam a confiança pública e interesse na ciência, e possibilitam a tomada de decisão baseada em evidências (SPEAR, PAULY E KAISER, 2017).

Contudo, a questão do engajamento ultrapassa a esfera física dos espaços e implica também em novos modelos de comunicação, também nas mídias sociais. Várias pesquisas têm se concentrado em investigar as abordagens de comunicação adotadas pelos museus na mídia social, *Instagram*, buscando quantificar até que ponto estas postagens se concentram na promoção (centrada no museu), ou no fornecimento de informações científicas, entretenimento e engajamento por meio de chamadas à ação (centradas no usuário). Em estudo recente, Fisher (2016) pontuou que os curadores de museus adotaram avidamente ferramentas de mídia social, incluindo o *Instagram*, para compartilhar seu trabalho e sua vida curatorial. Contudo, de forma geral, como colocado por Budje (2017) os museus ainda estão subutilizando as redes sociais ou abusando delas como canais de mensagens promocionais tradicionais e de mão única.

O *Instagram* atende a natureza visual do trabalho em museus, suporta a interação digital com os objetos e exposições e, mais importante, com os profissionais que estão por trás da preparação das mostras e demais atividades características dos museus modernos. Combina um conjunto de elementos relevantes para a promoção da interação e engajamento e, conseqüentemente, da aprendizagem. A ferramenta permite que os usuários compartilhem conhecimento, procurem informações através de *hashtags* e das ações de “repostagem” e captura de aspectos particulares de exposições ou atividades, bem como, explicitem suas próprias interpretações sobre os novos conhecimentos e percepções adquiridos (JARREAU; DAHMEN; JONES, 2019). A ferramenta também apresenta uma oportunidade de atingir um público potencialmente mais diversificado do que o presente em outras plataformas de mídia social com conteúdo envolvente e visualmente orientado, deixando evidente o seu multifacetado, que pode trazer contribuições simultâneas para as instituições culturais e usuários.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi responder, por meio de uma análise de conteúdo qualitativa, como se dá a divulgação de conteúdos específicos nas postagens do *Instagram* do JBR.

## METODOLOGIA

### Seleção e captura de imagens

Inicialmente, realizamos um mapeamento de caráter qualitativo do conteúdo (textual e imagético) das postagens do *Instagram* do JBR, realizadas no período de 24 de novembro de 2016 (data das primeiras postagens) a 24 de maio de 2019, quando contabilizamos cerca de 445 postagens e 9457 seguidores. Capturamos um conjunto de 16 imagens relacionadas com os conteúdos específicos publicados no *Instagram* do JBR. As imagens capturadas foram organizadas, juntamente com as respectivas curtidas e comentários, o que deu origem a um caderno de imagens. Os seguintes questionamentos orientaram o processo de análise: Quais são temas mais recorrentes nas postagens selecionadas? Quais são os modelos de comunicação predominantes? Como se dá o engajamento do público nas postagens?

### Análise das imagens

Cada imagem individualmente corresponde a uma unidade de análise e selecionamos alguns critérios, dentre aqueles apresentados nos estudos de Jarreau, Dahmen e Jones (2019) para a categorização pretendida:

- Variáveis de conteúdo visual – As imagens selecionadas foram categorizadas em considerando os seguintes aspectos: (a) conteúdos que contemplam coleções ou espécimes científicos específicos; (b) conteúdos de pesquisas realizadas no JBR; c) conteúdos de pesquisas não desenvolvidas no JBR d) demonstração, processo ou atividade científica; e) área da ciência a que pertence o conteúdo científico;
- Variáveis de abordagem de comunicação – Consideramos até que ponto cada postagem (incluindo o visual e a legenda) continha conteúdo caracterizado pelas seguintes abordagens de comunicação: 1) Informativa (instrui e/ou dissemina informações ou fatos científicos); 2) Entretenimento (a natureza pode ser divertida); 3) Promocional (promove uma exposição do museu, facilidade, atividade, etc.); 4) Mobilização (conteúdo que chama a ação).
- Variáveis de formato - As postagens do *Instagram* foram codificadas em variáveis de formato, incluindo: I) tipo de visual (letra, cor, layout); II) distância ao objeto primário no visual (close-up extremo, close-up, foto completa, paisagem ou uma mistura).
- Variáveis de engajamento – As postagens do *Instagram* também foram codificadas considerando os elementos populares, número de curtidas (por fotos) e os comentários nas postagens.

## DESENVOLVIMENTO

O JBR apresenta espaços expositivos destinados a coleções de plantas que visam à conservação de espécies nativas e exóticas, que, desde 2012, reúnem três coleções científicas (Bromélias, Cactos e Orquídeas). Além destes espaços, possui quatro jardins temáticos em ambientes abertos que agrupam palmeiras, plantas medicinais, plantas tropicais e plantas sensoriais, que compõem os espaços de visitação abertos ao público e são utilizadas nas ações de educação ambiental do JBR (RECIFE, 2019).

A casa de vegetação Dom Bento Pickel é um dos espaços de destaque no desenvolvimento das atividades de pesquisa e conservação no JBR. É destinada à propagação, experimentação e cultivo de plantas, disponibilizando o controle das condições ambientais. Outro espaço é a área do viveiro florestal, que possui a capacidade de alojar cinco mil mudas nativas, com o objetivo de suprir a demanda interna em reflorestamentos de seu fragmento de mata, bem como das unidades protegidas e de arborização urbana na cidade do Recife (RECIFE, 2019).

O JBR tem se destacado como um importante espaço de educação e de lazer para a população, tendo recebido um total de 111.125 visitantes no ano de 2016. O espaço tem sido frequentado principalmente por grupos escolares que o utilizam como forma de complementação dos conteúdos abordados em sala de aula. Além deste, há o público espontâneo, composto principalmente por grupos de idosos e grupos familiares que possuem interesses diversos em suas visitas (NASCIMENTO et al, 2017).

De acordo com Vendrasco, Cerati e Rabinovici (2013), a vantagem de trabalhar temas como a biodiversidade, relações ecológicas, fauna e flora local e regional em tais espaços é que os mesmos podem ser estudados de forma lúdica e prazerosa, proporcionando não apenas momentos de lazer, mas principalmente de alfabetização científica. Nesse contexto, as atividades educativas desenvolvidas em instituições como o JBR são encaradas pelas instituições como atividades ligadas à Educação Ambiental e a divulgação científica.

A divulgação científica no JBR também ocorre através da revista *Arrudea*, editada e publicada desde 2015. Seu nome latinizado é uma homenagem ao frei carmelita Manuel Arruda Câmara (1752-1810), apontado como um dos grandes botânicos brasileiros do final do século XVIII (ARRUDEA, 2019).

O JBR possui um site ([jardimbotanico.recife.pe.gov.br](http://jardimbotanico.recife.pe.gov.br)), através do qual o visitante pode obter informações diversas sobre sua localização, horário de funcionamento, seus jardins

temáticos, bem como detalhes sobre as múltiplas atividades desenvolvidas, sejam ações educativas, de pesquisa, divulgação ou conservação. O JBR também conta com uma página no *Facebook* e uma conta no *Instagram*. Nos dois casos há postagens sobre as atividades educativas, curiosidades acerca da natureza, artigos publicados na revista *Arrudea*, dentre outras informações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos uma razoável variedade de conteúdos específicos nas postagens feitas pela equipe de comunicação do JBR. No quadro 1, apresentamos um recorte dos conteúdos abordados nas postagens publicadas, incluindo a imagem e legenda relacionados a cada postagem, bem como sua numeração, o número de curtidas e comentários que possam ser compreendidos como um engajamento do público com o conteúdo divulgado.

As postagens foram organizadas em função dos critérios de conteúdo visual, de formato, abordagem comunicacional e popularidade. Os blocos de cores sinalizam o agrupamento de postagens com o mesmo tipo de conteúdo específico. As principais áreas da Biologia percebidas no conjunto de postagens selecionadas foram: Botânica (imagens de 1 a 12), Zoologia (imagens de 13 a 15) e Micologia (imagem 16).

Na postagem (1 em verde), temos uma imagem do fruto do Urucu que é usado como tempero na alimentação, com nome popular “colorau” e, além disso, oferece benefícios para saúde, possuindo ação anti-inflamatória, cicatrizante e agindo como protetor contra raios UV. Nas postagens (2 a 5 em azul) temos fotos e legendas versando sobre a coleção de Passiflora do JBR. As legendas apresentam as características básicas da planta, como detalhes morfológicos, o nome da família, gênero, processo de polinização, tempo de floração. Também fornecem informações sobre diferentes tipos de maracujá e os maiores produtores e consumidos do fruto.

Na postagem (6 em cinza) temos uma imagem da “macambira”, uma Bromélia, são apresentadas informações sobre suas aplicações e características morfológicas. As postagens (7 e 8 em laranja), abordam duas coleções do JBR, o Jardim de Palmeiras, que reúne as principais espécies da família botânica Arecaceae, e o Orquidário. As legendas informam sobre as aplicações paisagísticas das espécies devido a sua beleza, bem como suas funções ecológicas.

Na postagem (9 em verde claro) temos uma imagem da flor da árvore *Campomanesia dichotoma*, popularmente chamada de Guabiraba. A legenda destaca aspectos morfológicos










da árvore e da flor, sua distribuição geográfica no país e detalhes da sua floração. Menciona os conceitos de planta nativa e endêmica, sem, contudo, explicar esses conceitos. A postagem (10 em azul claro) ilustra uma espécie arbustiva (*Dracena tricolor*), traz uma descrição morfológica da espécie, destacando sua longevidade e beleza. As postagens (11 e 12 sem marcação com cor) ilustram duas espécies de trepadeiras. São apresentadas informações sobre a nomenclatura científica, sua origem, descrição morfológica e floração.







As postagens (13 a 15 em rosa) versam sobre a área de Zoologia e, não mais, de Botânica, como discutido até então. Os conteúdos científicos abordados nas postagens tratam dos seguintes espécimes da fauna, da cigarra, percevejo e saqui, respectivamente. Na postagem 13 temos informações sobre o ciclo de reprodução e de vida do inseto, há menção ao exoesqueleto, sem contudo, maiores detalhes sobre sua função ou composição. Na postagem 14 o percevejo é apresentado como uma praga que causa danos as plantas e o conceito de monitoramento é mencionado, sem que, no entanto, hajam maiores detalhamentos sobre o processo em questão. Na postagem 15 temos uma imagem do saqui e são apresentadas informações sobre o arranjo familiar da espécie bem como das relações ecológicas que ele estabelece com o meio e outros animais no seu habitat.

Por fim, a postagem (16 em amarelo claro) versa sobre o mundo dos fungos, abordando suas características, sua variedade de formas e tamanhos, assim como sua função no meio ambiente, bem como utilizações na gastronomia e medicina. Entretanto, observamos que se usa a terminologia “desmanchar” para se referir ao processo de decomposição, o que em nossa perspectiva compromete a divulgação científica. Teria sido mais adequando, usar a terminologia científica para se referir ao processo, e dar explicações adicionais com o intuito de elucidá-lo, recorrendo, inclusive, ao uso de analogias.




Quadro 1. Mapeamento das postagens com conteúdo científico específico presentes no Instagram do Jardim Botânico do Recife.

FOTO	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO ESPECÍFICO	CURTIDAS	COMENTÁRIOS DO PÚBLICO
1. 	O Urucu, ou Urucum, é o fruto do urucuzeiro, uma árvore nativa da América tropical. Esses frutos são espécies de cápsulas, que contém sementes vermelhas. Estas sementes vermelhas, quando trituradas, transformam-se em nada menos que o popular "Colorau". Um pó usado na culinária que ressalta o sabor e dá uma coloração avermelhada aos alimentos. E sabe o mais legal? O colorau além de ser utilizado como tempero, também oferece benefícios para saúde, possuindo ação anti-inflamatória, cicatrizante e agindo como protetor contra raios UV. Massa, né? Esse Urucuzeiro faz parte do Jardim de Plantas Medicinais do	148	Também é usado como pigmento pelos indígenas?

	JBR, onde várias outras espécies estão implantadas.		
2. 	Que tal aprender um pouco mais sobre a polinização do maracujá? Reparem nas fotos alguns pequenos grãos amarelos no dorso da abelha, você sabe o que eles são? Ponto para quem disse “pólen”! Estes cliques, feitos na coleção de Passifloras do JBR mostra detalhadamente este processo. Nas fotos, a abelha do gênero <i>Xylocopa</i> , popularmente chamada de mamangava, realiza seu trabalho como agente polinizador natural. Ao visitar a flor do maracujá, buscando por néctar, encosta seu dorso nos estames (órgão masculino da planta), onde se localizam os grãos de pólen, e logo depois, ao visitar outras flores e alcançar o estigma (área receptiva do órgão feminino das flores) efetuam a polinização.	165	Sem comentários acerca do conteúdo científico
3. 	O maracujá é um fruto produzido por uma planta do gênero <i>Passiflora</i> , da família <i>Passifloraceae</i> . Embora a espécie de <i>Passiflora</i> mais conhecida seja "edulis", que remete ao maracujá que estamos acostumados a utilizar na alimentação, existem várias outras espécies, cada uma com sua particularidade. A <i>Passiflora Edulis</i> é bastante cultivada por fins comerciais, e tem o Caribe, o sul da Florida e o Brasil como maiores produtores e consumidores do fruto.	135	Sem comentários acerca do conteúdo científico.
4. 	Na foto, temos a primeira floração da <i>Passiflora alata</i> , que é nativa da Amazônia e possui propriedades alimentícias. Essa espécie geralmente floresce no final do verão ou começo do outono e suas flores podem chegar a 7 cm de largura.	252	Nossa que linda o fruto e comestível tbm? O fruto da <i>Passiflora alata</i> é comestível sim.
5. 	Essa é a <i>Passiflora Cincinnata</i> , também conhecida como maracujá grande da caatinga, de onde é originária. A sua flor além de ser um encanto pela beleza, também apresenta um aroma delicioso que é capaz de atrair até as abelhas.	197	Sem comentários acerca do conteúdo científico
6. 	Conhecida como “macambira” ( <i>Bromelia laciniosa</i> ), ela está presente nas caatingas do nordeste do nosso país, da Bahia ao Piauí. Ela pode ser utilizada para evitar a erosão do solo e até para alimentar o gado, sabia? Mas como as folhas da macambira possuem um aspecto espinhoso, ela é queimada antes de ser oferecida como alimento aos animais.	181	Sem comentários acerca do conteúdo específico.
7. 	O Jardim de Palmeiras reúne as principais espécies da família botânica <i>Arecaceae</i> ! As Palmeiras são conhecidas por suas formas majestosas e pela sua importância paisagística, podendo ser utilizadas para compor ambientes como praças, parques, ruas e jardins. No seu habitat natural, as palmeiras servem como	165	Sem comentários acerca do conteúdo científico

	alimento, e até mesmo abrigo para inúmeras espécies da fauna, cumprindo assim, importante função ecológica.		
8. 	As orquídeas, além de serem conhecidas pela beleza característica, exercem importante papel ecológico ao atrair insetos e pássaros polinizadores. Elas encontram muitas formas de reprodução na natureza, principalmente pela dispersão das sementes para continuação das espécies. Esta é a Phalaenopsis, uma orquídea tropical e de diversas cores, pertencente a um dos nossos espaços de coleções científicas, o orquidário. Além de temperaturas amenas, elas precisam de luz brilhante, sem sol direto. Assim, qualquer local arejado, com boa luz e onde o sol não bata nas horas de maior calor é o ideal.	135	Sem comentários acerca do conteúdo específico.
9. 	Esta é a flor da árvore Campomanesia dichotoma, popularmente chamada de Guabiraba. A Guabiraba é nativa e endêmica do Brasil e possui uma distribuição geográfica nas regiões Nordeste e Sudeste do país. Podendo alcançar de 3 a 10 metros de altura, possui um tronco acinzentado, folhas densas cobertas por pelos finos, curtos e macios e frutos em formatos de globos que frutificam de março a abril. As flores da Guabiraba são belíssimas e possuem coloração clara, florescendo no período de janeiro a abril.	166	Sem comentários acerca do conteúdo específico.
10. 	Ela é conhecida como Dracena tricolor, e é uma espécie arbustiva, que pode chegar a até 5 metros de altura, com belas folhas longas e lineares. A Dracaena marginata da família Rusceae, como é chamada cientificamente, possui ciclo de vida perene, ou seja, tem vida longa. Vem pro Jardim Botânico do Recife olhar de pertinho a Dracena tricolor, e várias outras espécies lindíssimas.	93	Sem comentários acerca do conteúdo específico.
11. 	Essa belíssima trepadeira, nativa da América do Sul, chama-se Bougainvillea spectabilis, e a etimologia de seu primeiro nome é uma homenagem ao navegador Louis Antoine de Bougainville, o francês que, por volta de 1790, descobriu a espécie aqui no Brasil e a levou para a Europa, onde acabou se espalhando por todo o mundo. A espécie também é conhecida como “Três Marias”, por possuir flores pequenas sempre juntinhas em um grupo de três.	116	Verdade que é comestível?
12. 	A Flor-de-Pau (Merremia tuberosa) é uma planta trepadeira da família das convolvuláceas que apresenta flores amarelas com corola tubulosa. Ela pode ser encontrada em diversas regiões do Brasil e apresenta crescimento rápido. Sua floração ocorre o ano todo, sendo mais intensa entre junho e setembro e frutificando entre julho e novembro.	112	Sem comentários acerca do conteúdo específico.
13. 	Grande parte da vida de uma cigarra acontece embaixo da terra! Isso acontece porque após acasalar, a cigarra fêmea produz uma espécie de corte nos galhos de árvores, onde depositam seus ovos, que ao eclodirem, acabam caindo no chão, em forma de larvas que se instalam no subsolo, em profundidades que podem chegar a 2,5 metros. Ali elas passam a se alimentar do suco liberado pela raiz das plantas, e quando chegam na fase ninfal final, elas emergem pela superfície através de um túnel e abrigam-se em alguma planta ou árvore	402	São cerca 1.500 espécies diferentes de cigarras; algumas chegam a ficar 17 anos no subsolo, depois de emergirem para a superfície, vivem mais 30 a 45 dias de vida, tempo suficiente para acasalar e pôr os ovos, logo em seguida



	próxima para que possam “trocar de pele” e sair por aí, como inseto adulto, voando. E quanto aos exoesqueletos das cigarras? Eles continuam agarrados à casca ou folhas das plantas, abandonados, como este registrado em uma bela foto aqui no Jardim Botânico do Recife.		morrem, final do ciclo. No Brasil, a maioria vive de 1 a 4 anos embaixo da terra. O canto é exclusividade do macho, serve para atrair as fêmeas. Lembrei de exuvia, embora conhecesse por exoesqueleto que insetos, artrópodes têm.
14. 	O percevejo, de nome científico Diactor bilineatus, está sobre a folha da Passiflora incarnata. Uma das 12 espécies que compõem a coleção de maracujás do JBR. Os percevejos são considerados pragas, e geralmente causam danos às plantas, no entanto, devido ao intenso monitoramento realizado através dos monitores e analistas do Jardim, as plantas da coleção não estão sendo prejudicadas e seguem com muita saúde!	204	Sem comentários acerca do conteúdo específico.
15. 	O Saguí do tufo branco (Callithrix jacchus) é uma espécie de macaco originária do Nordeste do Brasil. Eles ocorrem em Mata Atlântica e são bichinhos que se alimentam de insetos, aranhas, pequenos vertebrados, ovos de pássaros, frutos e goma de troncos de árvores. Vivem em bando com cerca de seis indivíduos sendo liderados pela fêmea mais velha do grupo.	265	Lindos... Aqui no Ceará são conhecidos popularmente por sôin.
16. 	Sabia que existem mais de 1,5 milhões de espécies de fungo no planeta? Eles possuem diversos habitats e apresentam uma grande variação de formas e tamanhos. Dentre as suas muitas funções, umas das principais é sua característica de "desmanchar" animais e plantas mortas permitindo que a matéria orgânica retorne ao ambiente e dê continuidade ao ciclo da vida. Algumas espécies também são aproveitadas na culinária, medicina e produtos domésticos. O Jardim Botânico abriga diversas espécies de fungo na região de Mata Atlântica preservada pelo espaço.	155	Sem comentários acerca do conteúdo específico.

Fonte: As autoras.

A partir dos resultados apresentados observamos que a maior parte das postagens está relacionada com a área de Botânica, seguidas pelas áreas de Zoologia e Micologia. Os conteúdos específicos versam essencialmente sobre fauna, flora, biodiversidade e relações ecológicas, são apresentadas informações sobre nomes científicos das espécies, famílias a que pertencem descrições morfológicas, origem geográfica, utilizações diversas e funções nos respectivos habitats.

Observamos que o enfoque comunicacional que predomina nas postagens (imagens e legendas) é o informativo, ou seja, instrui e/ou dissemina informações ou fatos científicos. De acordo com as pesquisas de Budje (2017) e Spear, Pauly e Kaiser (2017) perde-se uma oportunidade para apresentar as pesquisas realizadas no JBR, bem como quem são os pesquisadores, monitores e curadores que atuam no espaço, ressaltando a ideia da ciência como uma construção social. Imagens de bastidores, entrevistas, legendas convidando à ação

e engajamento são estratégias importantes para se alcançar modelos comunicações bilaterais e participativos na divulgação científica.

Com relação a variável de formato, que pode ser percebida a partir do tipo de foto e do tipo de visual, tal como descrito na metodologia, observamos que, de forma geral, as postagens relacionadas aos conteúdos específicos são compostas por fotos de close-up.

A variável de engajamento foi analisada a partir do número de curtidas (por fotos) e através dos comentários, versando sobre o conteúdo específico, nas postagens selecionadas. A postagem que se destacou com mais curtidas foi a (13) com 402, porém apenas dois comentários foram feitos a respeito da foto. A postagem que apresentou menos curtidas foi a (10), que não recebeu nenhum comentário, como muitas outras. Em relação aos comentários sobre os conteúdos específicos, destacaram-se as postagens (1, 4, 11, 13 e 15). Contudo, os comentários das postagens 1, 4 e 11 demonstram curiosidade acerca das informações socializadas. Em linhas gerais os comentários sobre o conteúdo específico são escassos, em nenhum momento observamos comentários do público e retorno por parte do JBR, configurando algo próximo a um diálogo. Assim, verificamos a popularidade das postagens, muito mais pela beleza das fotos, que pelo conteúdos a elas atrelado. A popularidade alta, mas com baixa frequência de comentários não chega a caracterizar um real engajamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas podemos dizer as postagens de conteúdo específico presentes no *Instagram* do JBR contemplam de forma decrescente as áreas de Botânica, Zoologia e Micologia e valorizam uma abordagem comunicacional, de caráter informativo.

As imagens no formato de close-up estão alinhadas com os conteúdos específicos divulgados que focam, entre vários aspectos, as descrições morfológicas das espécies retratadas e enfatizam sua beleza. Esse alinhamento reflete no tipo de engajamento observado, o público curte as fotos, mas não há um conjunto de comentários, associados ao conteúdo científico, significativo. Assim, o engajamento é frágil, embora não tenhamos analisado variáveis como as *hashtags* e ações de “repostagem”, que poderiam fornecer mais indícios neste sentido.

Por fim, destacamos a importância deste tipo de estudo uma vez que pode revelar aspectos importantes de como as instituições culturais usam as mídias sociais, e sinalizar caminhos para que elas se aproximem mais de suas audiências, bem como promovam uma

divulgação científica mais próxima das perspectivas bidirecionais baseadas no diálogo e na participação.

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pela bolsa e auxílio nas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ARRUDEA. Página institucional da Revista Arrudea do Jardim Botânico do Recife. Disponível em: <[arrudea.recife.pe.gov.br](http://arrudea.recife.pe.gov.br)>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019.

BUDGE, K. ‘Objects in focus: museum visitors and Instagram’. **Curator: The Museum Journal**, v. 60, n. 1, p. 67–85, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/cura.12183>>. Acesso em 29 de Maio de 2019.

FISHER, J. Curators and Instagram: affect, relationality and keeping in touch. **Journal of Curatorial Studies**. v. 5, n. 1, p. 100–123, 2016. Disponível em: <[https://doi.org/10.1386/jcs.5.1.100\\_1](https://doi.org/10.1386/jcs.5.1.100_1)>. Acesso em 30 de Setembro de 2019.

ILLINGWORTH, S; REDFERN, J; MILLINGTON, S; GRAY, S. What’s in a Name? Exploring the Nomenclature of Science Communication in the U.K (version 2; peer review: 3 approved, 1 approved with reservations) **F1000Research**. v.4, n. 409, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.12688/f1000research.6858.1>>. Acesso em 30 de Setembro de 2019.

JARREAU, P. B., DAHMEN, N. S.; JONES, E. Instagram and the Science museum: a missed opportunity for public engagement. **JCOM**. v. 18, n. 2, A06, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.22323/2.18020206>>. Acesso em 15 de junho de 2019.

NASCIMENTO, L. M.; ARRUDA, A. P. D. V.; DOS SANTOS, U. M. F. Trilhas autoguiadas e guiadas: instrumento de educação ambiental no Jardim Botânico do Recife, Brasil. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v. 34, n. 1, p. 24-38, jan./abr., 2017.

RECIFE. Página institucional do Jardim Botânico do Recife. Disponível em <<http://jardimbotanico.recife.pe.gov.br/pt-br>>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2019.

SPEAR, D. M.; PAULY, G. B.; KAISER, K. Citizen science as a tool for augmenting museum collection data from urban areas. **Frontiers in Ecology and Evolution**, v. 5, p. 86, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fevo.2017.00086>>. Acesso em 01 de Outubro de 2019.

VENDRASCO, N. C; CERATI, T. N; RABINOVICI, A. Por que os professores visitam um jardim botânico?. **Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas**, n. Extra, p. 633-637, 2013.